



WEBINÁRIOS DA ABC | CONHECER PARA ENTENDER
O mundo a partir do coronavírus, Ed. 16
PRESERVAÇÃO DA AMAZÔNIA ATRAVÉS DA BIOECONOMIA
PERGUNTAS E RESPOSTAS

Alexandre Amaral Nascimento: *Carlos Nobre, João Paulo, Joly, excelentes falas, obrigado! Vcs acreditam que as eleições municipais no Brasil desse ano possam eleger representantes mais comprometidos com a sustentabilidade? Algo como a onda verde vista nas eleições francesas municipais recentemente? Como poderíamos estimular isso? A desastrosa gestão da pandemia no Brasil poderia contribuir para isso?*

CARLOS NOBRE: Em primeiro lugar, está mais do que na hora de o STF aprovar a possibilidade de candidaturas independentes em todas as eleições. A maioria das democracias permitem candidaturas independentes de filiação partidária. Esta mudança permitiria uma razoável mudança do tipo de político. Para começar, aumentaria muito o número de mulheres eleitas. O sistema partidário tem de fato bloqueado o aumento de mulheres com chances concretas de eleição. A gestão da pandemia certamente terá impacto na eleição. Há que se apoiar aqueles candidatos municipais que buscarem uma trajetória disruptiva no pós-pandemia em direção da sustentabilidade. Por exemplo, a redução da queima de combustíveis fósseis melhorou sensivelmente a qualidade do ar em centros urbanos, reduzindo o risco de doenças causadas por altos índices de poluição. Assim, a partir de 2021 as novas administrações municipais deverão buscar transições rápidas para eletrificação de frotas.

CARLOS JOLY: A forma de inserir esta temática na discussão nas próximas eleições municipais é se organizar em grupos de trabalho, ONGs ou outras formas de organização da sociedade civil, para pressionar para que o tema seja debatido. Por exemplo, com o agendamento de debates específicos entre os candidatos à Prefeitura, ou com grupos de candidatos à vereador. Não acredito que venhamos a ter uma onda verde, mas vai depender de como conseguirmos nos organizar para inserir o tema na agenda.

Neri De Barros Almeida: *O compromisso com grandes empresas que dão escala a esses produtos (como a Coca-Cola mencionada), não é contraditório com a sustentabilidade em seu resultado final?*

CARLOS NOBRE: Não há dúvida que o discurso de várias grandes empresas no passado não muito distante de proteção da Amazônia eram muito mais *greenwashing* do que real preocupação com o futuro da floresta. Por exemplo, comerciais na TV valorizando a floresta, mas agenciando investimentos nas cadeias do agronegócio causadoras do desmatamento (exemplo, carne e soja). Nas últimas semanas, com a manifestação dos fundos de investimento internacionais com 4 trilhões de dólares em suas carteiras frontalmente contra o aumento dos desmatamentos e queimadas da Amazônia brasileira, aparentemente deverá diminuir o *greenwashing*, pois deverá se exigir plena rastreabilidade das cadeias do agronegócio. Logo após a carta dos investidores internacionais, mais de 60 empresas brasileiras ou operando no Brasil se comprometeram com ações de sustentabilidade com respeito ao combate das mudanças climáticas, ao desmatamento, queimadas e à proteção das comunidades indígenas.

Muitas destas empresas são do agronegócio responsável pela agressiva expansão das fronteiras das commodities na Amazônia. Há que se verificar se manterão os compromissos firmados. O consumidor brasileiro deve se empoderar e praticar o consumo responsável e rejeitar produtos associados ao desmatamento ou roubo de madeiras ou garimpo ilegal.

CARLOS JOLY: O Carlos Nobre já respondeu esta questão, mas gostaria de acrescentar que nos últimos 15 anos, pelo menos, as grandes empresas que dependem diretamente de recursos naturais têm de fato investido em melhoria da sustentabilidade de suas cadeias produtivas. A Ambev, por exemplo, além do trabalho com os ribeirinhos e indígenas de Maués em relação ao guaraná, tem um vigoroso projeto de restauração de matas no entorno de nascentes e cursos d'água visando proteger a água, um recurso imprescindível para todos os seus produtos. Aqui em São Paulo o Programa é em parceria com a TNC em outros estados com outras ONGs. Não há mais tanto *greenwash*, porque as empresas entenderam que devem investir de fato para gradativamente aumentar a sustentabilidade das suas cadeias. A Natura há dez anos zerou suas emissões de carbono, investindo em novos tipos de embalagem recicláveis, usando papel reciclado nas embalagens de papelão, aumentando o uso de refis e investindo em projetos de restauração florestal com espécies nativas nas regiões de sua atuação na Amazônia. Isso não aparece na propaganda da Natura, mas é essencial para a conquista de novos mercados como, por exemplo, a Comunidade Europeia.

Thomas Lewinson: *Caros, o fato do Documento de 2008 ter sido ignorado não deveria desanimar. Gostaria que discutissem se, pelo contrário, mais que nunca é importante atualizar e expandir essa proposta e outras afins, incorporando preocupações expressas neste debate. Já que esse governo é um caso perdido, é essencial mostrar para (1) a sociedade projetos claros para a Amazônia e para outros biomas também, demonstrando que os cientistas brasileiros não são fantoches ou estão a reboque de cientistas ou "interesses escusos" internacionais (2) ter isto pronto para subsidiar eventuais candidaturas ou governos sérios (3) levar a preocupação e pressão adicional internacional e do mercado brasileiro para além de manter a floresta em pé. Saudações!*

CARLOS NOBRE: (1) O projeto Amazônia 4.0 (www.amazoniaquatropontozero.org.br) vai exatamente na direção de ser inovador a partir da comunidade científica e tecnológica brasileira, liderado por instituições brasileiras, para demonstrar o potencial de uma bioeconomia de floresta em pé e rios fluindo. Sim, manter a floresta em pé vai muito além de ser fator necessário a uma nova bioeconomia. É um fator cultural, estético e mesmo filosófico para populações tradicionais. Ainda mais considerando que em todas as pesquisas de opinião mais de 90% da população se manifesta contra os desmatamentos da Amazônia, isto é, respeitar democraticamente a vontade nacional.

CARLOS JOLY: Acho que a ABC, a SBPC e outras organizações científicas têm feito isso. Passados mais de dez anos, o documento de 2008 continua atualíssimo. Mas estamos investindo muito tempo, corretamente a meu ver, rebatendo os absurdos e as agressões promovidas pelo governo, que, proporcionalmente, temos menos tempo para construir.